



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL

Ana Paula Claro Cintra¹; Profa. Dra. Rosemarie E. Schimidt Almeida ²

¹: Pós-graduando na Especialização em Clínica Psicanalítica na UEL/PR. E-mail: anapaula_clacindra@hotmail.com

²: Profa. Dra. Associado C – Departamento de Psicologia e Psicanálise UEL/PR. Atua na graduação e pós-graduação. Email: rosemarielizabeth@uel.br

Introdução

Segundo as organizações mundiais que parametrizam cuidados sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes: ONU; Uniaf; O.M.S, a respeito da violência sexual, mostram indicadores estatísticos de um assustador aumento de violência sexual, em relação a essa população.

O Estatuto Da Criança e do Adolescente (ECA), nos seus artigos 4º e 5º, aborda que é dever da sociedade e da comunidade, não apenas da família e do Estado, pôr a salvo as crianças e adolescentes de toda forma de violência. As crenças míticas em dizer que apenas é o papel da família os cuidados sobre evitar a violência sexual, são inócuas, visto que a maioria dos casos de abuso sexual, acontecem dentro de casa ou em outros ambientes intrafamiliares.

Nesse sentido, a escola é o ambiente onde vive-se boa parte da vida, daí poder ser um lugar que os protege e os alerta – crianças e adolescentes sobre os perigos externos: a violência em todas as suas formas, e nesse trabalho – a violência sexual. Ao observar o mau rendimento escolar, comportamentos de raiva, agressividade, isolamento, automutilação de crianças em idade escolar, pode-se investigar a origem de tais características de tendências antissociais, como evidências de sofrimento afetivo-emocional que poderão ser oriundos da violência sexual.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

A incestualidade ainda acontece, e mostra uma dimensão primitiva e regressiva da sexualidade. (Thorstensen, 2012). Na teoria da sexualidade de Sigmund Freud, apresentada dos três ensaios da sexualidade (1905), ele criou um marco ao falar de uma sexualidade infantil, não no sentido genital, mas no sentido de uma libido, que é estruturante na personalidade do sujeito, visto esta a partir de uma fonte, um alvo e um objeto, demonstrando a sexualidade na formação do caráter do indivíduo e colocando fatores internos e externos como influenciadores dessa estrutura.

O ser humano nasce apoiando-se em uma das funções somáticas vitais, auto erótica e com alvo sexual sob domínio de uma zona erógena, vista como a sensação prazerosa vivida no corpo, criando um registro corporal e diversas representações. As fases do desenvolvimento sexual são a oral, anal, fálica, latente e genital. Portanto, a sexualidade genital é apenas um dos aspectos desse desenvolvimento, sendo nessa fase o objeto sexual quem satisfaz a pulsão, enquanto nas outras, como dito, é auto erótico, onde ela por si só basta e a torna independente do mundo externo, pois ainda não se tem o domínio sobre este. A Psicanálise mostra então, uma sexualidade na criança, porém sem maturidade e sem maturação suficiente para o exercício dela como no adulto. Há a corrente carinhosa e a sensual que percorrem os relacionamentos interpessoais e é preciso que as pessoas saibam identificar uma das outras. (Freud, 1905).

Constitui a natureza humana , uma expressão normal da curiosidade infantil , que assusta os pais e professores, mas após a teoria da Psicanálise ter surgido, passou a ser encarada de forma mais sutil, visto que a repressão de todo tipo de conhecimento sobre o assunto passou a ser menor e trocada por interesse em conhecer a melhor maneira de lidar com isso, pois são questões em que aparecem constantemente em um ser de desenvolvimento, que se depara com questões edípicas, como o ciúme, ódio e sentimento de solidão , insegurança e culpa.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Até mesmo as questões não respondidas sobre o sexo são consideradas respondidas, ou seja, o silêncio é uma forma de resposta que a criança entende, assim como a atitude emocional dos adultos em relação a isso. Ela pode estar preocupada com os seus próprios sentimentos e pensamentos sexuais e emocionais diante a sexualidade de modo que alguém possa dizer se esses sentimentos sexuais são perigosos a ela ou não, pois há uma confusão sobre a culpa e a origem desses sentimentos. (Searl, 1952).

Para a Psicanálise, é na capacidade que temos de identificação com o outro, segundo Winnicott, de ter sido cuidado por um ambiente que provê, de uma “mãe suficientemente boa”, diferente da ideia da figura paterna freudiana; é que o percurso do amadurecimento se realiza. Winnicott (1945/2000, 1960/1983, 1975, como citado por Almeida, 2015), em sua abordagem psicanalítica, destaca a questão da vivência da temporalidade como uma existência em processo de amadurecimento, embalada pela continuidade do Ser, na construção do próprio self (si mesmo). ” Então há uma criança que cresce, torna-se adolescente, amadurecendo para a vida.

Para Almeida (2015, como citado por Winnicott 1976), o termo experiência cultural é visto como um desdobramento das ideias winnicottianas, sobre o brincar e o fenômeno transicional. Então, neste sentido, o adolescente, na sua história da infância e tentativa de elaboração, “expressa-se de forma ainda confusa ao sair de uma situação de dependência quase absoluta para uma independência relativa, na construção de uma posição de crescimento e de sua própria identidade.

Uma violência sexual, que ocorre nessa fase da vida- da infância à adolescência, que causa uma experiência sexual precoce produz efeitos devastadores, podendo ser observado por meio de sintomas no corpo, na atitude, nas relações interpessoais e intrapessoais; intrafamiliares ou não. Dentre eles, a culpa, ambivalência afetiva (natural em todos, porém deve ser observada, se em excesso), alteração da imagem corporal, confusões quanto à



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

integridade física e sensações novas despertadas, comportamentos de risco que podem levar até a morte.

Pois bem, é um ambiente que não forneceu provisão ambiental, de espécie nenhuma. Não cuidou, deixou as crianças e adolescentes a mercê da violência sexual, de adultos significativos da sua existência. Essa proximidade com esses adultos que supostamente deveriam cuidar, e que os assediam e seduzem, faz com que demorem a identificar essas atividades supostamente “prazerosas”, como aliciadoras e de violência sexual. Quando isso já acontece no desenvolvimento natural do indivíduo, sobre uma criança que sofre violências dessa natureza observam-se comportamentos mais acentuados e, precisam de todo um cuidado ao abordar isso para um público coletivo, em uma instituição. Em casos de violência sexual a criança muitas vezes não tem a devida imunidade emocional e psicológica para elaborar o que ouviu ou sentiu (Azevedo, 2001).

Segundo Azevedo (2001, p. 2)

“O sujeito não passa impune por uma experiência desta ordem, fonte de intenso sofrimento, muitas vezes reduplicada pela insensibilidade daqueles a quem costuma recorrer. Não raramente, a violência física e moral é acrescida a dor do descrédito e até mesmo da inversão do papel vítima-sedutor (...) O abuso sexual é uma situação em que a criança ou o adolescente é usado para a gratificação sexual de um adulto ou até mesmo de um adolescente mais velho, baseado em relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, voyeurismo, pornografia e exibicionismo até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência.”

Os sujeitos precisam ser ajudados a perceberem as suas situações e serem ajudados a se colocarem como sujeitos de suas vidas, podendo ter oportunidade de um espaço para a elaboração desses conflitos. A violência



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

sexual infantil tem efeito perverso por provocar prazer narcísico da criança e abalar sua conquista de confiança e afetos. (Azevedo, 2001).

Todas essas questões, faz com que voltemos nosso olhar para a criação de um projeto que abarque a população adulta que convive com estes escolares – violentados ou não: pais, professores, familiares, com os objetivos de esclarecer, informar, refletir e orientar para que todos possam ser participantes de um “cuidar” que privilegie o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes , com vistas a uma pretensa saúde emocional.

A intenção desse trabalho será focar na prevenção primária desse tipo de violência, tendo como local alvo a escola- visto que é o espaço que transitam crianças-alunos, pais, professores, em especial que são os que mais identificam a situação de abuso infantil. Os adultos , em sua ordem de relação com as crianças e adolescentes poderão identificar na forma afetiva (natural em todos, porém deve ser observada se em excesso), alteração da imagem corporal, confusões quanto à integridade física, sensações novas despertadas mas não integradas, angústia que apresenta que algo se quebrou no interior do seu corpo, conhecimento sexual inadequado para a idade, falta de confiança , adultos, desenhos com detalhes de órgãos sexuais acentuados, masturbações exacerbadas, inibição na suas interações com adultos, inibição para investir nos objetos do mundo, reprodução de um prazer narcísico, e em casos mais graves pode levar a perdas de limites entre seu corpo e o corpo do outro e produzir uma psicose.

Há de se levar em consideração que os conflitos edípicos estruturantes se concretizam de maneira bruta em casos de violências sexuais, especialmente nos casos incestuosos. O prazer que encontra no abuso só aumenta a confusão dos seres em desenvolvimento. Pode não haver culpa e inibição, mas sempre deve-se lembrar que o prazer é apenas uma descarga de energia, pois nem o outro nem ela existiu como sujeito nesse tipo de relação. (Azevedo, 2001)



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Na prevenção primária, supõe-se que se está ajudando as crianças a se prevenirem de algo antes de acontecer e informar conteúdos sobre o assunto de maneira lúdica, através de vídeos (Pipo e Fifi, por exemplo) e livros (como é o caso do livro da Tarta Nina), seguida de uma atividade onde as crianças possam desenhar dando vazão a uma elaboração do que foi visto. Foca-se sempre no sujeito e, na sua fase de desenvolvimento.

Nesse espaço seria um modo de permitir a elaboração do que está acontecendo com sua sexualidade, estando ela saudável ou violada, a partir sempre da problemática do desejo em sua complexidade. Não se deve supor que a criança entenda isso, ou que ignora tal aspecto da sexualidade, mas sim falar sobre esse aspecto tão importante em um ambiente propício, que é a escola, local intermediário entre o privado (casa) e o público, já que em ambos os locais podem haver riscos de violação de direitos jurídicos previstos no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

As palestras voltadas a crianças, portanto, seriam realizadas de forma lúdica, e a atividade seguida das informações seriam importantes para as crianças se expressarem através do brincar, como uma via de descarga para as fantasias da criança, visto que associações verbais para elas são mais difíceis, que após contar a história pede para as crianças desenhar em determinada situação. Sabe-se que o brincar é a oportunidade de simbolizar e da criança se expressar, e os detalhes dessa atividade também são observados: a forma como brinca, a maneira como o faz, os papéis que atribui a cada um e os meios de representação, por exemplo. Nessa forma lúdica de atividade que se sugere se supõe que se estabeleça um contato com a realidade interna e externa, a fim de explorá-la, a fim de que consiga se comunicar através da brincadeira de desenho após a atividade proposta, visto que as crianças transformam ativamente o que sofrem passivamente. Essa seria uma atividade com limites demarcados, de tempo e do espaço, com começo, meio e fim, com o intuito de que as crianças possam elaborar o que foi



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

informado e comunicar conteúdos de sua realidade psíquica. (Gueller & Souza, 2008).

As palestras voltadas para os professores, seriam a fim de informar e conscientizar sobre os aspectos normais do desenvolvimento sexual e alertá-los para comportamentos que possam ser indicativos de perigo no desenvolvimento psicosssexual. Como já foi visto a fundamentação teórica para a elaboração do material que irá abordar a violência sexual infantil- o abuso, será constituído a partir das experiências subjetivas dos adultos cuidadores sob o ponto de vista da Psicanálise e seus pressupostos na área da saúde, enquanto método-ação. O local alvo é a escola- visto que é o espaço que transitam crianças-alunos, pais, professores, em especial que são os que mais identificam a situação de abuso infantil.

A fundamentação teórica para a elaboração do material que irá abordar a violência sexual infantil- o abuso, será constituído a partir das experiências subjetivas dos adultos cuidadores sob o ponto de vista da Psicanálise e seus pressupostos na área da saúde, enquanto método-ação. O local alvo é a escola- visto que é o espaço que transitam crianças-alunos, pais, professores, em especial que são os que mais identificam a situação de abuso infantil. O alvo seriam escolas particulares, se possível, visto que em escolas públicas há psicólogos concursados cumprindo esse papel.

Conclui-se que as expectativas no intuito da Psicanálise seja ajudar a localizar o desenvolvimento sexual e trabalhar, através disso, para uma saúde psíquica, sem negar a estrutura, mas entender e alertar sobre ele, visto que poder-se nomear sensações, perigos externos e entendimento sobre a maturação e maturidade da sexualidade, posto que com essas iniciativas, desmistifiquem-se os mitos e crenças, para prevenir com mais sobriedade e eficácia a questão da violência sexual infantil.

Palavras-chave: Sexualidade Infantil; Violência Sexual; Psicanálise; Saúde Mental nas Escolas.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Referências

- Almeida, R. E. S. *Os Caminhos da Depressão e sua Cartografia na Adolescência e Início da Aduldez*. Tese (Doutorado em Psicologia). Campinas: PUCCAMP, 2006.
- Almeida, R. E. S.; Amaro, M. C. P. O grupo como espaço transicional para jovens frente à questão da escolha vocacional e profissional in *Clínica Psicanalítica*, Londrina: Eduel , 2016.
- Almeida ,R.E.S. : *A Temporalidade de Um Espaço Temporal Transicional e sua Vivência para o Adolescente em Grupos de Orientação Profissional in Revista Natureza Humana*, S.P. jan. 2016.
- Arcari, C. (2013). *Pipo e Fifi: Prevenção de violência sexual na infância*. São Paulo, SP: All Print. Recuperado em <http://www.pipoefifi.org.br/home.html>
- Azevedo, Elaine Christovam de. (2001). Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), 66-77. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000400008> A educação de crianças
- Brasil. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 01 agosto. 2019.
- Freud, S. (1905 [1904]). In: Freud, S. Um caso de histeria. Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 239-251
- Gueller, A. S. de & Souza, A. S. L de. (2008). Melaine Klein e o brincar levado a sério: rumo à possibilidade de análise com crianças. *Psicanálise com crianças: perspectivas teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, A. R. S., Soma, S. M. P., & Watarai, C. F. (2011). *O segredo da Tartanina: Um livro a serviço da proteção e prevenção contra o abuso sexual infanto-juvenil*. Pompéia, SP: Centro Universitário do Distrito Federal
- Thorstensen, S. (2012). *Incestualidade: um páthos familiar*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Coleção Clínica Psicanalítica/Dirigida por Flávio Carvalho Ferraz)